

# UM PASTOR DE IGREJA DO SERTÃO COMPROMETIDA COM UM POVO DE LAVRADORES

*Discurso de paraninfo de D. Tomás Balduino, bispo de Goiás, para os formandos da Universidade Federal de Goiás em 29.12.78.*

“Eis-me aqui para responder ao honroso convite de vocês de paraninftar todas as turmas desta grande escola que é a Universidade Federal de Goiás.

Não fiquei indiferente a este apelo de coestaduanos meus. De saída admirei a audácia de vocês, procurando um bispo. Este fato foi o que primeiro me estimulou a vir abrir-lhes minha vida, compartilhando com vocês um pouco da minha experiência de pastor de Igreja do sertão comprometida com um povo de lavradores.

Estimula-me também a idade de vocês, não tanto pelo óbvio contraste com a minha, mas pelo que ela significa de ingresso na juventude, nesta fase da vida caracterizada como sendo da poesia e da aventura, da descoberta e da decisão, do dom generoso de si e do heroísmo.

Finalmente empolguei-me por dever entabular uma conversa com vocês exatamente nesta hora crucial vivida por todos nós. Neste momento de crises e expectativas. De antecipação das grandes mudanças. De questões levantadas a nível mundial recolocando em pauta o amanhã de nossa História.

Grande maioria de vocês assistirá, à passagem deste século e à entrada do ano dois mil. Mais do que isso, porém, assistirá indubitavelmente, às mudanças profundas de que o mundo está gestante, como uma nova irrupção de Deus na História.

É justo, portanto, que numa hora dessas se dê lugar à Palavra. Não palavra que seja apenas sons e vozes, mas alguma faceta do próprio Verbo de Deus que se encarna no dia a dia da dramática realidade

corpo de Cristo ressuscitado, renasce a esperança e a libertação de todos os homens.

Por outro lado, Cristo proclama que dos pobres é o Reino: a possibilidade de transformar a terra, a história, em terra de irmãos. (cf. Luc. 6,21).

Cristo rompe a relação amo-escravo e instaura a dinâmica da fraternidade, da amizade como exigência do Reino, e nos recorda que a exploração do homem pelo homem nunca é e será justificada.

“Vocês não são servos mas amigos”

Jo. 15,15-15.

A mensagem do Cristo divide para poder unificar, rompe toda falsa conciliação entre poderosos e pobres, entre grandes e fracos. A causa do Cristo é a dos pobres “por ela se dividirão as gentes e pais, filhos e irmãos se entregarão uns aos outros”, Mt. 10,21.22.34.36.

Cristo estabelece para sempre que o amor humano ao pobre, ao marginalizado e aos oprimidos define nossa vida diante da história e diante do Senhor. Somente no pobre nos fazemos homens novos ao nos fazermos próximos. “O que fizeram aos pobres a mim me fizeram”, (Mt. 25,40) ou ainda “Meu pai, minha mãe, meu irmão é o que defende ao pobre e pratica a justiça pois esta é a vontade do meu Pai”, (Mt. 12,48-50).

A esperança dos explorados é capaz de mudar a situação, é uma esperança de quem quer construir uma nova sociedade. Cristo dizia: “se tivessem fé como um grão de mostarda, moveriam montanhas”, (Luc. 17,6).

### III. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO: VITÓRIA DO POVO SOBRE A INJUSTIÇA.

Cristo, membro do nosso povo oprimido, ressuscitou e venceu a morte. Vencer a morte é triunfar sobre a injustiça. Na vida do povo, dos camponeses, dos operários, dos trabalhadores, está presente a experiência da Ressurreição e do mais importante da Ressurreição: o amor nunca morre, nada nem ninguém o pode deter. A ressurreição é uma maneira de entender a vida, a história, cada homem, cada povo, a nós mesmos. Todos os que morreram pela justiça vivem no coração na lembrança, na força, na esperança e na entrega generosa de outros que seguem lutando e que começam a compreender que “não

há maior amor que dar a vida pelos amigos”, (Jo 15,12). E Cristo morto está ressuscitado porque participa intimamente da vida dos que combatem pela justiça e pela fraternidade.

A ressurreição do Cristo nos ajuda a compreender o destino de todos os pobres da terra: vencer a morte e a injustiça.

A ressurreição é já uma realidade graças aos pobres, mas deverá ser uma experiência coletiva e definitiva com a vitória total sobre a injustiça, a exploração e o egoísmo.

“Se Cristo não ressuscitou vã é a nossa fé (I Cor 15).

Acreditar na ressurreição do Cristo é aceitar que com Ele nossas lutas selaram a vitória final sobre a injustiça, a miséria, o individualismo e o pecado e suas consequências sociais.

A ressurreição do Cristo é como a primeira semente da grande ressurreição de todos os pobres da terra, quando nem a morte nem o tempo possam romper a solidariedade e a fraternidade dos homens.

“A morte foi destruída nesta vitória. Morte, onde está tua vitória?”

(I Cor. 15,14).

### IV. O ESPÍRITO DO CRISTO VIVE ENTRE NÓS.

“Rogarei ao Pai que lhes mande o Espírito que os ajude e os anime... vocês o conhecem porque está com vocês e permanecerá sempre com vocês”, (Jo 14,16-17).

Cristo mesmo faz a experiência do Espírito quando afirma que veio para os pobres, para trazer-lhes sua mensagem de libertação, para que os cativos saiam em liberdade e os oprimidos alcancem a liberdade (cf. Luc. 4,16ss).

Cristo inaugura assim a era do Espírito: a era dos pobres da terra. Por isso Cristo considera que maldize-Lo ou desconhece-Lo é menos grave que rejeitar o Espírito. Impedir o dinamismo da vida e da libertação dos explorados e dos pobres é pecar contra o Espírito e não crer em Jesus Cristo.

“E se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoado, mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir”, (Mt. 12,32).

do homem, fecundando-a e dela fazendo surgir uma Nova Criatura, um Mundo Novo.

Começarei falando do chão da minha Diocese de Goiás. De uns anos para cá as famílias dos lavradores vêm migrando de fazenda para fazenda, de município para município, em busca de terra para trabalhar, indo finalmente esbarrar na periferia de nossas cidades do interior que, por sua vez, estão experimentando o fenômeno do inchaço já tão conhecido nas grandes metrópoles.

Com ajuda de especialistas encaminhamos uma pesquisa no âmbito da Diocese a fim de captar o próprio processo migratório na sua dinâmica. Constatou-se que o trânsito dos que saem da roça e vão afinal parar na cidade é da ordem de 84%. Um entrevistado dizia: "Casei-me aqui em Goiás. 10 anos de casado e 10 mudanças. 3 filhos. Levava a vida de carreiro e tocava roça também. Trabalho agora, empreitando pedacinho de terra de um e de outro, sem ter muita parada". Outro falava: "Casei-me no Rio Grande do Norte, já fiz várias mudanças e ainda não estou firme. Agora estou gambirando, mas não dá pra comida". Outro: "Saímos da fazenda só com o arroz da despesa, tendo que desocupar logo e vendendo umas galinhas para pagar o caminhão". Um 4º assim confienciava: "Mudamos sempre de uma fazenda para outra. Em cada mudança perdia as coisinhas que tinha e a vida ficava cada vez mais difícil".

Nestes 11 anos a serviço de uma parcela do povo de Goiás vim presenciando, com alguma melancolia, o desaparecimento de vários povoados rurais, onde o pessoal que trabalhava em suas roças tinha em torno sua capela, sua escola, suas casas de moradia e de comércio. Hoje transformou-se em pasto de gado.

Havia aí uma vitalidade admirável. As famílias de pequenos proprietários, embora vivendo modestamente, tinham fartura e nobreza. Exerciam com alegria a hospitalidade. As casas eram ponto de apoio para os folias do ciclo natalino e junino, fator de intercâmbio dos moradores aparentemente dispersos, mas que mantinham através das celebrações religiosas, a sua coesão e a sua genuína cultura.

Tudo isto foi engolido pelo voraz latifúndio. O povo ao emigrar decaiu de sua dignidade. Extinguiu-se sua memória. Sabemos de várias famílias hoje misturadas com a massa marginalizada das favelas de Goiânia, curtindo a fome e a nudez, amargando na prostituição e no ódio, experimentando o crime e o castigo.

Estes migrantes de ontem, sem terra no campo e invasores de hoje, sem lugar nas cidades, não são um caso à parte no cenário do nosso país. Eles se somam à massa moveidinha de 11 milhões de famílias de trabalhadores rurais. São cerca de 50 milhões de brasileiros dos quais apenas 18% são proprietários da terra.

É verdade que este povo recebeu um diploma legal que lhe garante em todas as letras o acesso à terra. Trata-se da Lei 5.504, chamada o Estatuto da Terra, promulgada pelo Presidente Castelo Branco. Infelizmente, porém, este instituto de reforma agrária ficou letra morta. Não se diga que foi por falta de poder da Revolução. O que, ao contrário, vem sucedendo inexoravelmente é uma reforma agrária às avessas, cujos beneficiários são principalmente os estrangeiros e as multinacionais.

Não se faz mistério de que os futuros detentores do poder em nosso planeta não serão os proprietários de poços de petróleo, mas os que possuem terras. Fala-se abertamente que a nova OPEP e os novos emirados caberão aos donos de latifúndios aptos à produção graneleira e pecuária, objetos da próxima futura corrida de uma humanidade em franco processo de explosão demográfica.

Note-se bem que não se trata tanto de superar a escassez e vencer a fome que já vem atingindo 2/3 de humanidade. Não se cogita de proporcionar mesa farta aos homens. Aliás a abundância tem sido problema insolúvel para estes produtores. Eles perdem a cabeça na hora da superprodução. Recordemo-nos do que aconteceu com a cebola, o tomate, o leite. O que se objetiva realmente, segundo o dizer do nosso futuro Governo, é rentabilidade, lucro, dividendos, dentro da perspectiva de produtividade, modernização, progresso e exportação.

Enquanto os tecnocratas manejam os dados complexos desta ingrata equação agrícola em vista de salvar de qualquer

forma o capital, o pobre homem brasileiro, segundo dados da FAO se inclui na lista dos habitantes dos países com graves problemas de alimentação, ao lado de Bangladesh, Birmânia, Etiópia, Índia, Nigéria, Paquistão, Sudão, Tanzânia e Zaire.

Nosso consumo de carne *per capita* no Brasil segundo a mesma FAO é de 40 gramas diárias, o equivalente a uma almôndega. O argentino consome 245 gramas. — A desnutrição é responsável por 15% dos nascimentos prematuros e também pelas 400 mil internações anuais de crianças através da Previdência Social e o aparecimento da velhice precoce em nada menos de 10 milhões de pessoas. Em São Paulo foi constatada a prevalência de anemia em 52,6% de parturientes e 21% de recém-nascidos. (Cf. Délcio Monteiro de Lima, Brasil, o Retrato sem retoque, pg. 166 ss).

Os atuais programas da LBA de alimentos para crianças de zero a quatro anos são um esforço desesperado ou um paliativo, para se evitar o aumento assustador de uma sub-raça de brasileiros em consequência de desnutrição. Com efeito, se o cérebro não se desenvolver neste período estará irremediavelmente afetado pelo resto da vida.

Todos se alarmam com as epidemias, como por exemplo a meningite. As ameaças de guerra geram o pânico em muitos. Não há grande preocupação, entretanto, com os avanços da fome que, silenciosamente, dia após dia, vai fazendo vítimas em maior número do que as guerras. Embora seu campo predileto sejam as periferias, sua tendência é caminhar para os centros urbanos onde já está atingindo alguns setores da classe média.

Esta situação de crise econômica internacional, com pesados reflexos no 3º mundo, agravando o quadro anterior de subnutrição endêmica é sobejamente conhecida de todos. Povos, empresas e governos têm suficientes informações sobre esta problemática vivida pela humanidade. E todos concordam com os dados levantados, aliás por instrumental científico, e com as consequentes deduções para o futuro a médio e a longo prazo.

A divergência e o desentendimento se aprofundam na hora de propor soluções. A começar pela participação dos interessados em torno da mesa que vai decidir o futuro da humanidade...

Em lugar, pois, de governos ditatoriais ou autocráticos, chega-nos agora a receita empacotada da democracia relativa e, ainda por cima, gradual, cujas características são as seguintes:

Ela é mais formal do que real. O que importa de fato são suas formas externas: cerimonial de eleição, jogo de partidos. Congresso funcionando de alguma forma. Não é democracia para o povo, nem, muitos menos, do povo.

Ela é mais representativa do que participativa. Há o receio de que o povo se organize e participe efetivamente. Por isso procura-se contentá-lo com uma representação paternalista indireta assumida sempre pelas classes dominantes e pela cúpula do poder.

Ela é mais dependente do que autônoma. Assim como nas décadas passadas atualmente já há rumos bem traçados. Os países terão que caminhar por eles. Com isto estará garantida a área de influência dos fortes sobre os fracos e haverá bem estar e paz. Sobretudo estará prevenida qualquer tentativa, sobretudo na A.L. de alguma mudança profunda em resposta aos apelos do povo.

Estes fatos interpelam a todos nós que aqui estamos.

Interpelam vocês jovens formando. Afinal, a serviço de quem ou de que vocês estão se formando hoje? A quem vão consagrar este saber acumulado nestes anos de estudo? A quem vão oferecer o seu potencial de inteligência e sensibilidade agora equipado com um novo instrumental de ação? Em uma palavra, a quem vocês vão dar as suas vidas?

Esta pergunta exigente e urgente não lhes faço em meu próprio nome mas em nome de toda uma massa de famílias humanas que represento porque optei com minha igreja por elas em nome do Evangelho, rompendo com todas as formas de opressão e buscando a integral libertação.

Não me encontro sozinho nesta opção. Após o Vaticano II, inúmeros setores da igreja começaram a fazer uma releitura da Palavra revelada, vivida concretamente pelo Senhor Jesus, descobriram Nele o verdadeiro ungido de Deus para assumir plenamente a situação dos marginalizados, pobres e oprimidos em vista da total libertação destes e do mundo inteiro.

A partir daí a igreja, mesmo pagando o alto preço da repressão, decidiu-se pelo povo dos pobres, acreditando neles, respeitando seus valores, descobrindo sua autêntica cultura, sua religião, seu senso de justiça e seu espírito solidário, sua infinita paciência, sua incrível capacidade de resistir e lutar ao longo de uma história de sofrimento e opressão.

A descoberta das comunidades de base são para a igreja como aquele achado de um tesouro num terreno baldio, de que fala o Evangelho. Reconhecemos nestes marginalizados de hoje os continuadores bíblicos do resto de Israel, dos pobres de Javé, objetos da maior predileção do Senhor, núcleo escolhido para ser anúncio e denúncia diante do mundo. Anúncio da Boa Nova e denúncia da iniquidade que pesa em suas próprias carnes. Realização autêntica do Evangelho das Bem-aventuranças. Alternativa de Deus para libertar esta humanidade dos impasses estruturais gerados pelas sementes do egoísmo.

O Concílio Vaticano II nos ensinou a valorizar o homem esclarecendo que só há verdadeiro progresso quando o homem se torna sujeito, autor e destinatário do seu próprio desenvolvimento. Em outras palavras reconhece que a solução dos problemas do povo vem a partir do próprio povo. Desde que indivíduos ou grupos se interpõem como seus representantes para decidir ou executar por ele cria-se um intolerável colonialismo que é a própria forma de dominação e exploração.

Eu digo mais: esta nova clarividência não é exclusiva da Igreja. Há atualmente muitos aliados do povo no processo de libertação. Homens do saber e da *praxis* começam a se colocar, como colaboradores a serviço das mudanças profundas que visam restituir e restaurar a justiça e a dignidade. Gente recém-saída das Universidades, nas mesmas condições que vocês, sentiram os novos apelos alternativos ao rotineiro destino dos diplomados para as tarefas de serviços bem pagos do sistema.

Começa a desabrochar no país e no mundo a figura do antropólogo comprometido que não se conforma em estudar o índio e o negro como se fossem peças folclóricas de um parque zoológico, mas se engaja na sua luta colocando seu saber e seu cabedal de informação e análise a serviço desta mesma luta.

Há uma nova medicina em vários países, que ensaia seus primeiros passos na valorização da genuína tradição das comunidades de busca das puras fontes da saúde em contraposição à gigantesca máquina atual de gordo faturamento sobre a incurável doença do povo.

Engenheiros idealistas tentam teimosamente quebrar o muro de ferro erguido pela mesma engenharia e que impede o homem comum de criar sua casa própria, o que atualmente mais alimenta a concentração do dinheiro nas mãos das oligarquias e do Estado.

Novos mestres se esmeram, com entusiasmo, em pequenas experiências de devolver às famílias e às comunidades a tarefa que lhes incumbe, por direito, de se educar livremente de acordo com suas aspirações e necessidades, sem se subjugar à cultura das classes dominantes.

Há um esforço por libertar-se do tabú da Escola, que se tornou mina de enriquecimento de grupos e objeto da total manipulação dos políticos apoiados no aparelho estatal monopolizador do ensino.

Antropólogos, sertanistas e missionários reconhecem de mais a mais o índio como protagonista de sua caminhada. Vão descobrindo os inapreciáveis valores culturais, religiosos e sociais dos grupos tribais. Estão convencidos de que se deve afastar toda e qualquer imposição cultural a pretexto de "civilização" sobre eles e, pelo contrário, deve-se acolher a valiosa contribuição dos povos indígenas como integrantes da multiforme constelação de nossa humanidade.

Há homens que se sentem chamados a um novo tipo de colaboração com os trabalhos, evitando a fácil tentação de certos políticos de manipulá-los ou representá-los em proveito próprio e, ao invés, buscando os verdadeiros caminhos que favorecem a participação dos elementos das bases populares no seu processo político, ficando a direção deste processo nas mãos do povo e a organização nascendo realmente do meio dele...

Da parte de todos e de cada um de vocês, meus jovens, amigos e companheiros, eu desejo ardentemente um compromisso lúcido, decidido e obstinado com este nosso Povo na sua irreversível caminhada da libertação".

## “O LUXO DE UNS POUCOS SE TRANSFORMA EM INSULTO CONTRA A MISÉRIA DAS GRANDES MASSAS”

(extratos do documento final de PUEBLA)

“A luz da fé, consideramos um escândalo e uma contradição com o cristianismo a crescente separação entre ricos e pobres. O luxo de uns poucos se transforma em insulto contra a miséria das grandes massas”.

- “Constatamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo, a situação de pobreza desumana em que vivem milhares de latino-americanos, caracterizada por exemplo em salários de fome, no desemprego e no subemprego, na desnutrição, na mortalidade infantil, na falta de conveniente moradia, em problemas de saúde, na instabilidade no trabalho”.

- “Esta situação de extrema pobreza generalizada, assume na vida real aspectos e rostos concretos nos quais deveríamos reconhecer os traços de Cristo sofredor, o Senhor que nos interpela e interroga”.

- “A economia do mercado livre, vigente como sistema em nosso continente é legitimada por ideologias liberais, aumentou a distância entre ricos e pobres por sobrepor o capital ao trabalho, o bem econômico ao bem social”.

- “Grupos minoritários nacionais, associados às vezes a interesses de fora, se aproveitaram das oportunidades abertas por estas formas primitivas de mercado livre para prosperar, auferindo lucros em detrimento dos interesses dos setores populares majoritários”.

- “A Igreja se preocupa por países como os nossos, onde com frequência não são respeitados os direitos humanos fundamentais. A vida, a saúde, a educação, a moradia e o trabalho estão em permanente situação de violação da dignidade da pessoa humana”.

- “Acrescente-se a isso as angústias originadas pelo abuso do poder, típicos dos regimes de força. Angústias pela repressão sistemática e seletiva, acompanhada de delação, violação da intimidade da pessoa, pressões desproporcionadas, torturas, exílios, angústias de tantas famílias pelo desaparecimento de seus entes queridos, dos quais não conseguem notícia alguma”.

- “A falta de respeito à dignidade do homem se manifesta também em muitos de nossos países na ausência de participação social em níveis diversos. De modo especial, queremos aludir à sindicalização. Em muitos lugares a legislação trabalhista se aplica arbitrariamente ou não é levada em consideração. Em alguns casos, as superpolitizações das cúpulas sindicais distorcem a finalidade de sua organização”.

- “Nos últimos anos se constata também a decadência do quadro político, como grave detrimento da participação dos cidadãos na condução dos próprios destinos. Aumenta, também, com frequência a injustiça institucionalizada. Além disso, grupos políticos extremistas provocam novas repressões contra os setores populares, por recorrerem a meios violentos”.

- “As ideologias da Segurança Nacional contribuíram para fortalecer, em muitas ocasiões, o caráter totalitário dos regimes de força e para dar origem ao abuso de poder e a violação dos direitos humanos. Em alguns casos, pretendem justificar suas atitudes com uma profissão subjetiva de fé cristã”.

- “Tempos de crise econômica, como os que atualmente estão passando nossos países com maior ou menor dureza, aumentam as angústias de nossos povos, quando uma fria tecnocracia aplica modelos de desenvolvimento que exigem dos setores mais pobres um custo social realmente desumano, mais injusto ainda porque não é compartilhado por todos”.

- “Não podemos nos contentar com uma mera descrição dos fatos. Queremos conhecer suas raízes mais profundas para oferecer nossa contribuição e colaborar para as mudanças necessárias, a partir de uma perspectiva pastoral que encare mais de perto as exigências do povo. Entre estas raízes podemos assinalar:

- “A falta de reformas estruturais na agricultura, adequadas a cada realidade particular, capazes de enfrentar com decisão os graves problemas sociais e econômicos dos agricultores, o acesso à terra e aos meios capazes de melhorar a produtividade e a comercialização”.

- “A vigência de sistemas econômico que não consideram o homem como o centro da sociedade e não realizam as mudanças profundas e necessárias a uma sociedade justa”.

- “O fato da dependência econômica, cultural, tecnológica e política. A presença de conglomerados multinacionais que muitas vezes velam por seus próprios interesses, em detrimento do bem do país que os acolhe. A perda do valor de nossas matérias-primas, em comparação com o preço dos produtos manufaturados que adquirimos”.

- “A crise dos valores morais, a corrupção pública e particular, o desejo de lucro desmedido, a venalidade, a falta de esforço, a carência de sentido social de justiça e de solidariedade, a fuga de capitais e de cérebros, impedem ou enfraquecem a comunhão com Deus”.